

PREÇO \$50

Jornal Semanário

Composição e Impressão

RUA DA OLIVEIRA ao Carmo, 21

LISBOA

ALIBIA

Director e proprietario — José Tavares

Editor — Silva Cruz; Redactor principal — Souza Carvalho

Administrador — Gonçalves Reis

Redacção e administrador — Rua Alexandre Braga, 7, 1.º D.



MIRAGENS

Freguez! Compra uma cautela?...
Veja que lindo número! Que grande palpíte!

A nenhum dos leitores, certamente, é estranha esta tirada. Não há nada de novo na caixa que não a escute, quantitativamente, num ritmo monótono, enervante.

E' para me ajudar a viver, assopram-me aos ouvidos, um cauleiro còco, faces macilentas, rótico, e faminto; é uma esmolta que me dá, e fica-me de outro lado uma velha, cega e andrajosa.

Por toda a parte o mesmo cortejo de misérias, esperando mais da ganância do que da caridade alheia, o mitigar de suas agruras.

Com efeito de todas as paixões, que agitam a humanidade, o jogo é sem dúvida, uma das mais fortes e avassaladoras, e de entre as suas várias modalidades, é, talvez, o de lotaria o mais popular e concorrido.

O caso explica-se: é que, este jogo, não exigindo a grande argúcia e avultados capitais da especulação bolsista nem a técnica e decisão dos jogos de raso, oferece, ao mais timorato, lucros tentadores por perdas ínfimas; o mínimo de esforço para o máximo de regalias.

Aproxima-se a lotaria do Natal, a mais importante, entre nós. Para esta, têm os bilhetes uma procura desusada.

O prémio é tão tentador, seis mil contos. Uma fortuna imensa pendente de cinco algarismos, cinco diminutas esferas giratórias que, no grande dia, produzem nos jogadores mais ansiedade do que as colações da libra, o conflito Mandchú ou a crise mundial.

Não contem, é certo, o jogo da lotaria a emoção forte, a hipersensibilidade nervosa dos chamados jogos do azar. Todavia, quanta ansiedade, que intimas esperanças não acompanham esse pedaço de papel, rico e considerado de início e por fim, apurado do pedestal, misturado com outros papéis num cesto igualitário!...

E que emoções, que frisson não perpassam o jogador insorrido que, não contendo a sua expectativa, vai presenciar a almejada extração?!

Estes vivem, em minutos, uns filme intenso, rico de cor e de ilustio.

Mocidade Espanhola

Tem continuado, em meio da franca camaradagem que rapidamente se estabeleceu entre uns e outros a entusiástica recepção feita pelos estudantes portugueses à embaixada académica, que a Universidade de Madrid enviou até nós.

Estou convencido que desta bela terra portuguesa, cavalheiresca e hospitaleira, levam os estudantes espanhóis as melhores impressões e até mesmo algumas saudades como à dias me dizia um deles procurando pronunciar essa palavra tão portuguesa que entre nós traduz aquele *gusto amargo e pungir delicioso* de que nos fala Almeida Garret.

Excursões destas, nunca é demais acentua-lo, são sempre úteis e proveitosas, tanto para quem as realiza como para quem as recebe, não só por contribuir para um mais justo conhecimento mutuo como tambem pelo desenvolvimento que podem proporcionar ao intercambio intelectual entre dois povos que, embora vizinhos, quasi reciprocamente se desconhecem.

Para o mostrar bastavam as interessantissimas conferencias que na nossa Faculdade de Medicina realizaram os professores Bastos e Villa da Universidade de Madrid. Não deixou tambem de frisar esse facto o professor Gentil, no discurso de apresentação de um dos conferentes, lembrando ao mesmo tempo a oportunidade e o interesse que haveria na realizacão de conferencias periodicas feitas por professores portugueses em Espanha e por professores espanhóis em Portugal.

Efectivamente numa época em que há, toda a tendencia para abolir as fronteiras intellectuaes entre os diversos povos, torna-se necessário acompanhar a evoluçao progressiva que em quasi todos os países está soffrendo as ciencias e duma maneira especial as ciencias medicas.

Saudando os estudantes espanhóis que estão prestes a abandonar a terra portuguesa, *O Alibia*, jornal de estudantes, deseja sinceramente que desta visita e das que se lhe seguirem, alguma utilidade resulte para as relações intellectuaes dos dois povos.

J. T.

E' vè-lo pensativos, nenhum sinal externo de vida, cérebros tumultuando em cogitações que se estrechoam!

Um empregado de comércio faz calculos minuciosos; além um jovem sonhador constroe lindos castelos de cartas; outro sector um usurário, nariz aducno, olhar traiçoeiro, entrega-se tambem à melopeia embriagadora das cifras astronómicas.

Seis mil contos!... Que linda quantia!

Pucco a pouco chegam os funcionários encarregados do sorteio; começam os preparativos, recrudescem a agitação no animo dos espectadores. Serenamente, irónicamente e es-

ferzinha segue a sua tragécória, indifferente áqueles olhos ávidos, irresistivelmente atraídos para ella, não a desamparando até ao terminus do raído.

Mais quatro reprises, está apurado o vencedor!

Mutação rápida: esfumam-se os sonhos, os rostos á pouco tão prazenteiros, tão confiantes no triunfo só traduzem agora desilusão e desespero.

E o bilhete tão acarinhado, esperança suprema d'um futuro melhor lá fica, rei sem trono, farrapo humilde, envergonhado da sua glória, efémera como todas as glórias humanas.

Souza Carvalho

Carta da aldeia

Minha boa Amiga

Fez bem em escrever-me; é justo que as nossas almas se comuniquem conversando, vivam hoje, ao menos, das mesmas comoeções que nos agitam e nos fazem estremececer de gratas e amargas recordações. Que este dia, de tanta importancia no destino de ambos, que representa para nós, todo um mundo de desluzões, não se seja consagrado; dediquemo-nos a elle, aproveitemo-lo, pois, abundantemente — que? — recordemos os bons momentos passados na pequenina aldeola onde fomos criados.

Como eram bons os tempos de estudo em que tezelas, percorrendo os campos, nos entregavamos ao nosso idillio, estranhos á borrasca que se avizinhava!

Lembra-se, você, quando despertados, muito de manhã cedo, pelos gorjeios encantadores de um rouxinol que finha o seu ninho numa árvore da horta, nós nos encontravamos? E enquanto juntos, muito baixinho, cantavamos a nossa felicidade, lá longe, nas estradas, nos campos, homens e mulheres dirigem-se para a laina quotidiana.

São vultos vigorosos e fortes, correndo-lhes no sangue o vigor, a valentia dos seus avós, que seguem, de bernal ao ombro, para o amanho das suas fazendas, para as suas herdades.

São carros de bois que passam na estrada, gemendo nos eixos. Mais além é uma mulher, já curvada pelo peso dos anos, com o rosto sulcado de rugas, mapa vivo de tantos e tantos trabalhos honestos, que segue atrás das vacas pachorrentas levando ao ceus os sons monótonos dos chochos e campainhas. Agora são rapazes que de pilares de cana nos lábios, correm trauteando, satisfeitos, para os montados com os seus rebanhanhos.

Tudo isto, querida Amiga, todo este cenário de um bucolismo simples, nos envolve, embriagando-nos com a saudade atroz dos tempos idos.

E das moçoilas? Recordar-se você, das moçoilas risonhas, que dançando no adro, ao som de alegres fanfarras, nos mostravam a brancura dos dentes, mostravam despreocupadas a pureza das suas almas?

Como era encantadora a vida entre aquelle povo!

Hoje, catorze anos já são passados: tudo da aldeia é differente. Mudaram as gentes, o arvoredo, a Igreja, destrui-

ram os portões onde passavam as fardinhas, aplanaram montes, entalharam vales, tudo no desejo de bem receber, abrir alas, dar passagem ao Progresso.

Admirava-se, boa Amiga? Sim, ao progresso, àquêle progresso alegre, giroco, florido, de alvêz garrida de que tantas, tantíssimas vezes falamos.

Como é cruel a ingratitude!... Foi assim num dia lindo de Outubro, que eu encontrei a aldeia, remodelada, beijada, acariciada por uma rêsta de sol, mas nua, desprovida de tudo que a ela nos prendia. Tudo ali era estranho. Imagine você — que contraste! — nem lençõs multicolores agitados por mãos amigas, nem os cães do cerrado, nem a charanga da terra, nem acenaram festivos, me vieram esperar como, outrora, conosco sucedia!

Ainda obra do Progresso... Corri apressado à nossa casa, ao cantinho onde julgamos encontrar a felicidade, esperando aí tudo estivesse na mesma; mas não, ao abrir a janela que dá para o hortêdo, vi logo que me enganara. Em vez da trepedeira verdejante que d'antes nos beijava as mãos, logo pela manhã, eu encontrei — Oh! capricho da natureza! — uma urtiga hirta e irracional!

E já desesperado ia a afastar-me, quando, súbito, do fundo do quintal, da copa de um pinheiro, rompe um canto mavioso, todo terrura, vertendo um pouco de bálsamo na amargura da minha vista. Era o rouxinol que você amou, creou cuidadosamente e que, no seu pipillar triste, parecia perguntar com saudade: Onde está ele?!? O que é feito dela?!... Era por ti, perdão, por você, boa amiga, que êle chamava choroso, lastimandose.

Descei a pequena rampa que nos leva à Ermida; ao longo tempo que nos leva aos céros e vêm aproximando-se mais e mais, até que num cotovelo da estrada, surgem balindo um aqui, respondendo-lhe aquêle além ecoando outro lá no fim, envoltos numa aureola de poeira!

O adro estava deserto; já não havia nuçellas atirando ao ar alegres canções, apenas se ouvia o murmurio fêbreo, quasi uma prece do pequenino Ribeiro que lambriente corre pelos campos fora.

Entrei na Igreja e, sem perceber como, encontrei-me perto do velho confessorário, já todo carcomido, onde, quando creanças, juntos apêlhos, cantavamos injênios, as nossas faltas...

Como é grato apelar para agremiñencias da nossa infância!

Pouco tempo depois dava meio-dia. Doze badaladas que o sino deu, não como aquêde som delicado, cristalino, que tanto nos encantava outr'as vezes, mas um toque roufivo, agressivo, parecendo querer expulsar-me, chamandome de intruso.

Era outro o sino. Barafustei, pretendi saber o que haviam feito do meu, do nosso sino bêbê de rose cristalino e — quero ouvir? — soube que é hoje sineta do cemitério!

Entristicado, sai da aldeia a caminho da cidade; e já vinha longe, muito longe, já tinha entrado no bulício, no borborinho de Lisboa e ainda nos meus ouvidos ecoavam os meigos cantos do rouxinol do quintal, e o tilintar de aquêde das campainhas dos rebanhos balantes.

Como vê tudo mudou; mesmo o sino! Até você, até eu!...

Seu aleijado

Silva Cruz

ATRIBUIÇÕES DE UM PAI

O menino Chiquinho, assim lhe chamavam em família, era decerto o filho mais obediente e respeitador que a uns pais é dado possuir.

Nunca falava à hora das refeições e muito menos entrava em casa fora de horas; pois conhecia bem a recidiva de principios e o gélio exaltado de seu pai que, a menos irregularidade, lhe faria sentir o pé das suas papudias mãos.

De facto o Sr. Mateus, papà do Chiquinho era positivamente uma letra e mal transpôh a limiar da porta logo o barulho atrozador dos seus esganados gritos ouvir á escada a vizinhança curiosa e ávida de novas e complicadas mexericoes.

E' portanto de estranhar que numa madrugada de Agosto, nós vejamos o Chiquinho páldio e enfiado surto cautelosamente a escada e, depois dum prolongada paragem diante da porta da casa paterna, meter tremelate a chave, á fechadura, descalçar-se e muito silenciosamente esgueirar-se, de botas no chão, ao longo do corredor para onde detava o seu quarto.

Não havia no entanto, nada mais justificavel porquanto o Chiquinho fizera nêsse dia exame da sétima classe dos liceus conseguira, graças a sua comprovada intelligência e ao carinho dos mestres, apanhar um grandissimo chumbo ao péso do qual vergava. Recoso da côrta de papà Mateus, Chiquinho não fóra jantar e só de madrugada se arriscara á entrar em casa embora soubesse que, no dia seguinte, as suas costas seriam sumamente algadas pelo nodoso bea-loteo do papà.

A pois o menino Chico a transporta a porta do quarto quando, ouvindo atroz de si um ruido cauteloso de passos, avistou ao fundo do corredor o pai, modelo de virtude, que acabava de regressar da estúrdia e que também de botas no chão procurava não ser percebido.

Chiquinho ficou a principio extático perante a inesperada revelação mas depressa recuperou o sangue frio e, seguindo o processo de seu pai que fingira não ver, entrou para o quarto e não tardou em adormecer fatigado por tantas e tantas comoeções.

Depois dum noite de pesadelos Chiquinho acordou e, preparado para o concerto harmonioso da voz paterna, penetrou na sala de, janar onde já se

encontravam os papás que apenas esperavam a chegada do menino para iniciar o almoco.

Contra toda a expectativa o Sr. Mateus, deveras comprometido pelo successo da noite anterior, nada disse ao filho e este soube aproveitar habilmente a perturbação do pai. Assim, logo que se sentaram à mesa, Chiquinho voltou-se para a mãe e, com uma voz cheta de candura, disse:

— Oh, mãã, em queira contar-lhe uma coisa... mas se o papà deixar... O pobre papà os olhos esbugalhados, agitando-se na cadeira mostrou ao filho que por detrás da espada não de dez escudos preço do silêncio e tibubio:

— Dize, dize... porque não?... E Chiquinho:

— Bem então lá vai, mas... o papà deixa com certeza?...

Novo estretimecimento paterno e uma nota de vinte escudos foi substituída a de um zoom ganhada de vez gada vez mais excitado do Sr. Mateus que, a custo, articulou:

— Mas rapaz... para que é tanto mysterio fala... dize o que é!

Satisfeito com o resultado Chiquinho repetiu ainda segunda vez a proeza e assim acrescentou:

— Não sei se deverei... mas com certeza o papà não se importa?...

A mãe deveras admirada apenas olhava o filho e não via o gesto trémulo do marido que, por meio de nova substituição, fez aparecer uma nota de cincoenta escudos e acrescentou, páldio como um cadáver:

— Mas homem... porque te não decidiste... fala?...

Finalmente Chiquinho resolveu pôr fim á cêta trágica e foi, dando ao portim uma expressão de tristeza, que disse:

— Oh mãã, sabe?... e eu fiquei chum... ba... do... do...

Ouvindo êstas palavras o Sr. Mateus que esperava ansioso que o mysterio fosse desvendado respirou ruidosamente e exclamou num desabafo abraçando o filho:

— Que demônio, ainda bem! Porque não disseste isso há mais tempo?... Se soubesses o péso que me tiraste de cima?...!

E foi desta maneira engenhosa que Chiquinho se livrou da sua mestra que o esperava.

Laracha

CINZAS

Jamais esquecerei o doce instante

Em que, perdidamente, te beijei;

Foi um beijo de fogo e que a vida

Na boca nacarada e palpitante!

Tendo-te junto a mim, tão confiante,

Que doído frenesi com que estreitei

De encontro aos meus os lábios que osculei

Num desespero atroz, dilacerante.

E, hoje, do momento de loucura,

De amor, de encantamento e de doçura

Em que toquei, de perto, a flicidade;

Nô resta uma lembrança santa e pura,

Misô de desespero e de terrura.

Uma lembrança feita de Saudade.

Gonçalves Reis

CÁ ESTOU EU

...mas desta vez não é para mais.

A nossa redacção foi alvo de uma verdadeira avalanche de cartas inquirindo o motivo do meu silencio não escondendo os signatários as suas apreensões de que traçoiera enfermidade me tivesse, por uns tempos, roubado no amêno convívio dos leitores e leitores.

A todos agradeço penhoradissimo a cativante solicitude.

Felizmente nenhuma doença me atacou e, se não os delicias com com a minha prusa erudita no segundo número do jornal, foi apenas devido a uma vizita que fiz, no dia designado para entregar os artigos, ao meu grande amigo e corcefulado filósofo *Piñabêras*.

Hoje sem vizitas a fazer, aqui me têm os leitores, disposto a atural-os, lado, a pedir que me aturen, por uns instantes.

Vou falar-lhes sobre: a mulher na... nã... generalidade.

A mulher... a mulher... ora esta estou prestes a emudecer!

Mais um esforço: Lá vai: a mulher... é a grande incógnita da vida!

Está bem escrito, não acham?!

Como resolver essa incógnita?!

Eu cá não sei! E os leitores o que dizem?

Como por hora se não pronunciam e eu não quero aprofundar o assunto, por... escripos de consciência, apresentar-lhes-ci, por hoje, um curioso libelo dos árabes sobre o furioso sexo *extra-fra*.

Lá vai... mas, tomei bem sentido leitores gentis, eu limto-me a transcrever opiniões alheias. Sou nêste assunto apenas um compêre de revista mas um compêre surdo-mudo.

É a mulher confuso,

É batalha perdurável,

Singueusa insaciável,

É cauda de escorpão,

É naufrágio do varão,

É um sepulcro dourado,

É um continuo cuidado,

É uma cruz enladrinhada,

É a carga mais pesada,

É origem do pecado,

É uma sorte enganosa,

É uma desdita certa,

É do inferno, porta aberta;

É serpente venenosa,

É pelega bem pensosa,

É uma calamidade,

É o germen da maldade,

É um adornado êdano,

É um lamentável dano,

É mortal enfermidade,

É da paz perturbação,

Da falsidade cimento,

É da glória impedito,

Da bolsa o pior ladrão,

Do dinheiro aquisição,

Da sobêrba é ideal,

É dos vícios, mineral,

Da levandade, abrigo,

Do homem pior amigo,

É principio e fim do mal.

Que tal? Gostaram?

Mas, reparem bem, não me anatemizem.

O conceito não é meu, é dos árabes.

Jagodes

A piada não é nossa

Caso para admirar!

—Esta faca não está limpa, Justina.
—Pois devia estar, minha senhora: a última coiza que cortei com ela, foi sabão!

Fora da circulação

O Juiz:— Qual é sua ocupação?
O preso:— Não tenho nenhuma. Ando por aí a circular.

O Juiz (para o oficial):— Tome aí nota que este indivíduo é retirado da circulação por 30 dias!

Pela demora...

A criada:— O Senhor tocou a campainha?

— O patrão:— Não, estava a dobrar a brar a defuntos. Julgava que você tinha morrido.

Ferro velho...

Uma doente inquiriria queixa-se ao seu médico:

— Doutor, tenho dores de cabeça que parecem mareladas; dores no ventre como se me torcessem os intestinos com tenazes e, finalmente, tenho um ferro em brazo no estomago...

— Diabo! A senhora não é um caso pathológico, é uma casa de ferragens!

Cena conjugal:

Ela:— Tornas-me a vida insupportável!

Ele:— Olha vai para o pé da tua mãe.

Ela:— Não vou, não, bem sabes que o meu Pai é policia!

Entre mulher e marido!

—Porque será que a mamã tem sempre o nariz vermelho?

—Naturalmente porque o nariz cõra envergonhado de ver a dona estar sempre a metê-lo na vida alheia...

A pequenita rica:

A mamã comprou-me um irmãozinho.

A pobrezinha:— Lá em casa, como não há dinheiro para os comprar, é a mamã quem os faz.

Gagüés

O amigo gago:— O-o-o-olha lá, meu caro, v-v-vem d-d-d-dar uma volta c-c-comigo, d-d-d-d-uma hora ou duas, q-q-q-quer con-v-v-versar contigo uns cinco m-m-m-inutos.

Num baile

Ela:— Parece-lhe que sua mulher nos está observando?

Ele:— Não, O que ela está é a ver se eu a estou observando a ela!

NOS BASTIDORES:

Um jornalista entrevistando uma conhecida artista.

—Qual o genero de teatro que V. prefere?

Ela sem hesitações

O historio...

???

Por ser a Empresa que fornece o guarda-roupa.

CHARADAS

1 Um astro tão flamejante
que serve para jogar
às vezes usa turbante
E tem garbo militar—1, 2

2 Éste é sempre campeão
Quando o vento lhe sorri,
Mas não tem sorte o ladrão,
Dizem pra'í... eu não vi—1, 1

3 Tem uma flor bem bonita
E nada má, podem crêr
Numa cidade catita
Não devem deixar de vêr—1, 2

4 Dizem não ser, mas enganam-se;
bóá, mas só ao contrário, é um nome
que lido às avessas faz parte do
verbo amar—1, 1

5 Sendo burro em francês, com
pouca vida em português, dá um nome
muito aquático—2, 2

Declarações anteriores

- 1) aipo
- 2) furacão
- 3) laracha
- 4) Alentejo

ULTIMA HORA

Dizem-nos de New York que em Broadway, em plenas barbas da autoridade, várias damas yankees, aderentes à *humidade*, fizeram passar a ocultas, nas barbas dos seus espantilhos, quantidades apreciáveis de «Aldrúbia Wine», nova marca de vinhos licoricos que deixa a perder de vista as suas concorrentes.

Agora a sério

Depois do nosso artigo de fundo ter ido para a máquina, soubemos que os estudantes espanhóis anteciperam de dois dias o seu regresso a Madrid.

A hora de fechar o jornal soubemos que a nossa presada assimante Mademosselle Maria Antonieta Areosa Ribeiro festeja no proximo dia 23 o seu aniversário natalício.

A direcção de «O Aldrúbia» apresenta-lhe gostosamente os seus cumprimentos e felicitações.

GRAVE DESASTRE

A Rua do Amparo foi hontem teatro de um dos mais impressionantes desastres a que Lisboa tem assistido nos últimos tempos.

O acidente foi resultado pela difficuldade do transito, resultante da aglomeração de pessoas que resolveiram habilitar-se á grande do Natal comprando jogo ao conhecido cambista *Jama*.

Caixote do Lixo

Com assuntos variados,
Mesmo de fazer furor,
Tiraram-se de cuidados,
Escreveram, desalmados,
Sobre a mulher um pavór;
Eram linhas e mais linhas,
Tanta palavra peidada,
E as damas, cotidianas,
Vão-se julgar, as daninhas,
Indispensáveis á vida!

Não vou censurar ninguém,
Cada um faz o que quer,
Reparem todos, porém,
Que não está lá muito bem
Tratarem só da mulher.
Um, em prosa bem tallada,
Quiz falar desse demónio
E não pensou em mais nada,
Pregou-nos logo a maçada
Da «Mulher e o matrimónio».
Vem o outro logo atraz
E, num despotismo ígnoto,
Não repara no que faz,
Não procura assunto e, Zás,
Vai «A mulher e o voto».
Lembrei-me de protestar
E érgo bem alta a voz

Para logo perguntar,
N'um ruído de atroar,
Que é a mulher sem nós?...
Não me importa o director.
Digla ele o que disser,
E tu concorda leitor,
Tenho razão, sim senhor,
É de mais tanta mulher!...

Laracha

Suave Reliquia

Foi esse Mundo cominhando vai
Respirote, aquebrado e vilho,
Como Néctar no ingreme Sinai,
De Deus seguiu pregando o Sinagilho

Combateudo a usita e o mal,
Dum caval domínio eu cob um cipreste;
Frei Antonio saiu de Postigal
E glórias cantar do Divino Néctar.

Seus sermões simples de linguagem bela!
Foi de todo ouvido com cautela!
Quem bem falou de Amor e de Luz.

Chamou-o Deus por um suave canto;
Lá longe, em Itália, morreu o Santo
Dizendo: Minha alma está com Jesus

SILVA CRUZ

Este número foi visado pela
COMISSÃO DE CENSURA

GRALHAS

Como era de esperar recebemos no 2.º número do nosso semanário a desagradável visita deste antipático alado... Pedimos, portanto, aos leitores o favor de rectificarem no artigo «A mulher e o voto», 39.º linha, o seguinte: onde se lê «em Portugal diz-se tem vendido», deve lêr-se «Portugal, pode dizer-se, tem vendido» e no artigo «a mulher e o matrimónio», 20.º linha, onde se lê «Ao estudo dessa directriz dessa nova vida», deve lêr-se «Ao estudo da directriz dessa nova vida».

Diário da Manhã

A direcção de «O ALDRUBIA» verdadeiramente penhorada pelo acolhimento benévolo que a Administração do DIÁRIO da MANHÃ se tem dignado dispensar-lhe, endereça a este Journal os seus melhores agradecimentos.

TEATRO DA TRINDADE

Telefone 22071

Hoje às 9,30 horas

Espectáculo inteiro

2.^a representação pela companhia

Lucilia Simões

da comédia em 3 actos

de Felix Bermudes e João Bastos

O ALDRABÃO

Protagonista: NASCIMENTO FERNANDES

BILHETES À VENDA

Perfumaria Universal, L.^{da}

Crems e pó de arroz de todas as boas marcas

PRODUCTOS BENAMOR E NALLY

BIJOUTERIAS

O maior e mais lindo sortido em
colares, brinco, pulseiras, etc.

ROCIO, 101

MAISON LOUVRE

Fatos e Vestidos

para Creanças

Unica casa

especialista

no Paiz

106, Rocio, 107

LUIS VICTOR ROMBERT

Sempre variedades em colares "chics"

CHAPEUS

ultimos modelos

As mais recentes novidades de Paris

Rua Nova do Carmo, 63

Telefone 26541

MODISTA

EXECUTA VESTIDOS

GENERO

ALFAIATE E TOILETTE

PREÇOS MODICOS

RUA DA CONDESSA, 26, 1.º E.

Telefone 20264

PRODUCTOS BENAMOR E NALLY

BIJOUTERIAS

O maior e mais lindo sortido em
colares, brinco, pulseiras, etc.

ROCIO, 101

MAISON LOUVRE

Fatos e Vestidos

para Creanças

Unica casa

especialista

no Paiz

106, Rocio, 107

Instituto Pasteur de Lisboa

PROFESSORA

Diplomada e Inscrita

Habilita a exames de

Português e Francês

Rua da Era, 22, 2.º



RHEUMA
SALICILATO METILADO
CONTRA TODAS AS TOXICAS